

Preparado o projeto

Por Luciano Draetta

Todo ser humano sonha, projeta, planeja e arquiteta o futuro. Essa é uma característica da nossa natureza, imaginar o que ainda não está diante dos nossos olhos. É impossível não fazer isso. Seja um artista de rua que transforma folhas de coqueiro em artesanato ou produtor que planeja um evento grandioso, ambos tiveram a capacidade de projetar o futuro e tirar sonhos do campo das ideias e transformá-los em ações práticas.

Inspirar outras pessoas por meio da arte e da cultura é uma das coisas mais gratificantes e gera um movimento na sociedade, o qual reflete em mais inspirações transformando-se em um ciclo virtuoso que amplia a potência e faz “vazar”, isto é, vai além, ultrapassa os limites daquilo que era o previsível. Inspira. E por esse motivo encanta, transforma, vivifica, faz com que exista mais de nós em nós, que sejamos mais fortes, que nos identifiquemos e que percebamos o outro.

Um projeto cultural é a possibilidade de valorização do humano e é missão daqueles que se dispuseram a alimentar sonhos ampliar os horizontes da comunidade. Os atuadores dessa área devem entender que se trata de escolha quase “religiosa” que exige muita dedicação para o alcance dos desejos coletivos. As ações de cultura vão além da construção do universo simbólico e, muitas vezes, se transformam em rede de proteção social.

O exercício da capacidade de sonhar é o treinamento das subjetividades, um tipo de atletismo dos afetos que reforça os vínculos, dá sentido a vida e eleva a condição humana, num exercício cotidiano de transformação do impossível em possível, do invisível em visível. As pessoas que não são capazes de transcender a existência a partir do uso da imaginação e da criatividade podem julgar essas práticas como loucuras ou inutilidades. É até natural esse tipo de incompreensão, pois a emancipação dos seres humanos que vivenciam experiências artísticas e culturais amedronta os pragmáticos que não supõem nada além daquilo que pode ser “percebido pelos olhos e tocado com as mãos”, o mergulho nas subjetividades é realmente perigoso demais.

Os produtores de projetos devem dar asas a imaginação e ao mesmo tempo ter os pés bem no chão quando estiverem escrevendo, pois toda proposta que sai da cabeça para o papel, um dia sairá do papel para a prática, e isso se dá no dia-a-dia, é realizado pelos corpos dos integrantes, com os recursos existentes e nos espaços propostos. Caso haja um erro de dimensionamento, alguém trabalhará demais, não receberá o suficiente, os resultados não serão alcançados, em resumo, quanto melhor for o planejamento, menor serão os danos. Dessa forma estarão preservadas as amizades, os corpos dos parceiros e a realização dos sonhos em ambiente seguro e saudável.

A escrita de um projeto pode ser absolutamente livre a partir dos desejos individuais ou de um coletivo para realizar algo que em geral confirma as potencialidades únicas de quem está propondo a ação. Nesse caso há necessidade de criar uma ponte com algum órgão financiador que tenha os mesmo desejos, ou que identifique no projeto uma oportunidade de realizar algum de seus objetivos.

O financiamento pode vir de um patrocinador do setor privado ou do Estado, isto é, de empresas que vêm na proposta uma possibilidade de se comunicar com seus consumidores ou o governo (municipal, estadual ou federal) que identifica a iniciativa como um “braço” capaz de atender aquilo que as políticas e programas públicos não estão alcançando, seja uma faixa da população, um segmento artístico, uma região, ou outras tantas carências das ações do Estado.

Outra forma de realização de projetos é por meio de editais ou chamamentos públicos que podem ser dos governos ou de empresas privadas. Nesse caso a instituição que oferece os recursos determina as regras de inscrição e critérios de seleção, garantindo amplo acesso e igualdade de oportunidades para todos os participantes. A seleção em geral é feita por um grupo de pessoas de larga experiência e notório saber, que representam vários setores e olhares diversos. A responsabilidade dessa comissão é a eleição dos melhores projetos de acordo com a excelência, a viabilidade e adequação ao edital.

Existe ainda as leis de incentivo fiscal que obedecem legislações próprias, em que o Estado se responsabiliza pela qualificação e certificação dos projetos e o proponente assume a função de captação dos recursos junto a empresas que se beneficiam da isenção de parte dos impostos que seriam pagos ao governo. Essa ferramenta é bastante contraditória, na medida em que usa o recurso público (impostos), mas delega a escolha de projetos ao setor privado que atua na perspectiva mercadológica. É fácil perceber o defeito do sistema: o dinheiro usado nessa forma de financiamento é de todos os cidadãos brasileiros, mas a escolha dos projetos é privada, feita de acordo com as orientações e interesse da empresa financiadora que tem como objetivo a sua lucratividade e não tem compromisso com o desenvolvimento cultural ou social da população. Não é um mecanismo de todo mal, mas não se pode esperar muita coisa quando as diretrizes da cultura são ditadas pelo mercado. Os interesses de lucro raramente estão em consonância com os interesses de construção da identidade e diversidade cultural de um povo.

Numa sociedade democrática e comprometida com o desenvolvimento humano, o sistema de financiamento por meio de editais faz mais sentido. Ele dá independência e transparência para a instituição que oferece os recursos, garante maior legitimidade ao processo, e, o mais importante, assegura isonomia entre os concorrentes.

Vamos às recomendações de como preparar os projetos. A primeira orientação é estudar, entender e atender rigorosamente as regras do edital. Muitas vezes os concorrentes tendem a querer que as regras do “jogo” se adaptem aos seus interesses, e nesse momento surgem “aberrações” em razão do descompasso entre o projeto e o objetivo do edital. É muito importante lembrar da coerência entre todas as etapas do projeto, pois trata-se de uma narrativa e se ela tiver, saltos, falhas, descontinuidade ou “tropeços” a “história” fica mal contada e tem menor chance de convencer. Os objetivos claros e a boa justificativa demonstram a autenticidade da proposta e a potência das ideias. O bom diagnóstico e conhecimento de causa ficam claros nessa fase textual. Ampliam-se as chances de aprovação quando está expresso o embasamento da pesquisa que resultou no projeto e nota-se claramente o conhecimento técnico, artístico, operacional e orçamentário do assunto em questão. Também são importantes a capacidade de síntese e a profundidade dos conteúdos, não é uma combinação fácil, mas fica o desafio. Estas são as ferramentas para a comissão de seleção, que precisa ser “seduzida”, no melhor dos

sentidos, precisa ser convencida de que essa ideia vale a pena e que tem maior relevância do que uma outra.

Dois pontos-chaves, que demonstram os devidos cuidados de planejamento e a capacidade de realização do projeto são o orçamento e o plano de trabalho. Se bem combinados dão segurança, tanto para a comissão de seleção no período de julgamento e aprovação dos projetos, quanto para os executores no período de realização. Essa é uma forma de checar a coerência da proposta e sinaliza maior chance de êxito. Qualquer um que esteja comprometido com o desenvolvimento cultural tem o desejo de que os recursos sejam bem destinados e que o bom desempenho gere frutos para os proponentes e para a população. Convidamos os leitores a pensarem que nesse sistema tem muita gente empenhada com o objetivo de assegurar a fruição cultural como direito assegurado, para que isso aconteça todas as partes devem ter muita responsabilidade e comprometimento.

Os históricos e currículos são a demonstração de tudo aquilo de relevante que compôs a trajetória do proponente até o momento e que auxilia na demonstração da capacidade de execução do projeto. É muito importante dar segurança para quem está analisando a proposta e as experiências anteriores podem mostrar com precisão a chance de êxito no futuro. Um histórico das atividades anteriores, bem montado, com: clipagens bem elaboradas, publicações, materiais gráficos e vídeos postados em plataformas digitais, são outras ferramentas de apoio do projeto.

Um projeto deve ser antecedido por um bom diagnóstico, que define muitas questões, entre elas, a estimativa de usuários ou participantes e o público a que se destina o projeto. Essa escolha sinaliza os impactos gerados, tanto positivos, quanto negativos, na medida que se estima, por exemplo, a quantidade e perfil do público, é possível dimensionar as potencialidades, alcance e benefícios sociais e socioeconômicos do projeto, assim como, os danos causados por ações que agrupam multidões e deixam muito lixo ou causam problemas de trânsito. Esse é apenas um exemplo entre tantas outras particularidades em que o diagnóstico pode servir como base de dados e qualificar os projetos.

As instituições que oferecem recursos para cultura são legalistas e buscam a realização de parcerias com segurança jurídica. O uso de recursos públicos exige transparência em todas as fases do processo, desde a seleção até a entrega de resultados. Em muitos casos os órgãos financiadores só pagam a última parcela dos recursos após a aprovação do relatório de execução do projeto todo. Esse é um mecanismo de controle. E a penalidade é que a não realização do integralmente do objeto do projeto implica na devolução do investimento e a inclusão do proponente no cadastro de inadimplente.

Aos proponentes fica a recomendação de perceber que se trata de uma atividade processual e sistêmica. As questões da cultura em nosso país vão muito além de cada projeto individualmente, é necessário perceber a importância de toda a trajetória das conquistas do setor e relacionar as proposições individuais com o “cenário” nacional dentro do contexto histórico. O proponente pode relacionar cada iniciativa com essa visão ampla e observar que a sua proposição é uma peça de uma grande combinação de fatores. Perceber que os processos que nos levam ao alcance dos nossos objetivos são compostos de várias fases e que a atenção aos detalhes que

compõem o todo faz toda a diferença. Os sistemas evidenciam também que não há um setor de privilégio ou destaque, pois, todos os componentes desse corpo devem ser atendidos em suas características e especificidades. Pois bem essa combinação, associada à análise e a perseverança, levam o projeto e seus integrantes cada vez mais próximos de seus objetivos e se caso o seu projeto não tenha sido aprovado nessa edição, use a experiência para se preparar para a próxima edição e não se esqueça de comemorar a vitória dos companheiros de classe que lograram êxito.